

o pesquisado numa relação equitativa, num diálogo onde ambos expressam subjetividades e esforços de sistematização dos dados da realidade.

(\*) *Rethinking History and Myth. Indigenous South American Perspectives on the Past*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1988, 337 pp.

Rosaldo, Renato. *Culture and Truth. The Remaking of Social Analysis*. Boston, Beacon Press, 1989, 253 páginas.

Aracy Lopes da Silva  
Professora do Departamento de Antropologia/USP

Coordenador de um grupo de estudos interdisciplinares sobre cultura na Universidade de Stanford e autor de um belo estudo em que se combinam Antropologia e História (*Ilongot Headhunting 1883-1974: A Study in Society and History*. Stanford, LA: Stanford University Press, 1980), Renato Rosaldo propõe, neste seu novo livro, caminhos para uma reformulação dos moldes em que se faz a análise social.

Fazendo uma crítica severa à crença – que considera bastante sólida até há muito pouco tempo entre os antropólogos americanos – na neutralidade científica e na objetividade da pesquisa antropológica, reconstitui o processo de redefinição conceitual e metodológica que afetou de modo global as ciências humanas a partir das transformações sociais, intelectuais e políticas da passagem da década de 60 para a seguinte. Identifica, como fatores dessas transformações, os processos de ruptura da ordem colonial, de ampliação do imperialismo norte-americano e de consolidação de movimentos sociais onde minorias – mulheres, homossexuais, grupos étnicos subalternos – manifestaram-se, nos EUA, contra a discriminação e a dominação. Vê as críticas e as propostas de seus colegas classificados como "pós-modernos", referentes aos modos de fazer e redigir etnografias, como um desdobramento, uma etapa e uma contribuição a um processo muito mais amplo de redefinição dos parâmetros que balizam a produção atual de análises sociais: "changes in global relations of domination have conditioned both social thought and the experimental ethnography" (p. 38), diz ele. Análises sociais hoje incorporam, necessariamente: a atenção aos processos, a casos específicos e suas particularidades, à prática da interdisciplinaridade; a consciência da multiplicidade de fatores em jogo, de perspectivas e interpretações; a consideração crítica da subjetividade. Nesse quadro, têm destaque as percepções e aspirações de grupos subalternos, numa demonstração de que o compromisso político do estudioso, da cultura e da sociedade é fator necessário para seu desempenho profissional. Em resumo:

"Changes in the world have conditioned changes in theory, which in turn shape changes in ethnographic writing, which return to raise new theoretical issues" (p. 232).

Nessas mudanças, e na proposta de Rosaldo, têm destaque a subjetividade e seu lugar na compreensão da cultura estudada. O autor elabora aqui as noções de "força" (força cultural das emoções como fator explicativo a ser incorporado nas análises sociais) e de "sujeito posicionado" (para designar seja o pesquisador, seja o "nativo" cujo testemunho se analise) em função do lugar que ocupa e de onde vê e vive a trama e, principalmente, os processos sociais que fluem no tempo. A contribuição de Rosaldo se faz também pela redefinição dos termos consagrados, como ritual (visto agora como "simplesmente um ponto em trajetórias processuais mais longas" que o antecedem e perduram depois dele; e como "um cruzamento onde há intersecção de diferentes processos vitais/lives processes" ou síntese de processos temporais) e cultura (concebida por Rosaldo como um cenário "poroso" em que se cruzam processos heterogêneos que nascem aquém e além de suas fronteiras e que quase sempre "derivam de diferenças de idade, gênero, classe, raça e orientação sexual" (pp. 20-1).

O livro está organizado em três partes. A primeira contém a crítica da Antropologia Clássica e da neutralidade como garantia de objetividade na pesquisa social; a segunda "Reorientação", e a terceira, "Renovação", trazem as propostas do autor, referentes à construção de análises sociais processuais, à incorporação (e em que termos) da subjetividade à análise, à valorização da atenção às "bordas porosas" das culturas, não mais marginais mas vistas aqui como centrais, porque cenário privilegiado de mudanças e de manifestação da diversidade. Narrativas de Ilongots e de Chicanos constituem a matéria-prima das análises empreendidas pelo autor como exercício e demonstração das propostas que constituem a razão de ser de seu livro.

Para o leitor brasileiro, especialmente o antropólogo acostumado a lutar politicamente a favor e, principalmente, ao lado das pessoas e grupos que estuda, o livro parece, por vezes, um tanto ingênuo. A revolta contra a crença – tida pelo autor como firmemente inabalada – na objetividade das Ciências Sociais revela a força de posturas positivistas nos EUA. Sua crítica parece tardia e, em certos momentos, um tanto óbvia. Um outro aspecto vulnerável do livro é que a Antropologia norte-americana é a referência maior e quase única (secundada apenas, nas análises dos períodos "heróico" e "clássico" da história da disciplina, pela Antropologia inglesa) para reflexões críticas sobre a disciplina de modo geral. A perspectiva de um "sujeito posicionado" fica, portanto, ilustrada com clareza.

Por outro lado, ao romper com o positivismo que critica e ao exercitar-se intensamente no emprego das "categorias da desordem" (como as chamou Roberto Cardoso de Oliveira), Rosaldo nos oferece um livro inovador e rico em contribuições. Ilustra, com o próprio estilo que adota – emocionado, pessoal e autobiográfico –, o que concebe como sendo a Antropologia de seu tempo: em constante diálogo interdisciplinar; política e etnicamente consciente e comprometida; vivenciada e construída por trocas simétricas e críticas entre pesquisadores e "os assim chamados nativos", ambos definidos como atores

sociais; acolhedora da força das emoções e das intenções conscientes dos homens (e mulheres!) em suas vivências e expressões individuais e, por isso mesmo, sabedora do valor da aceitação do sentido literal das manifestações humanas como meio de investigação; incorporando inexoravelmente o interesse pelo fluir de processos sociais no tempo, sob pena de não captar o essencial. Uma Antropologia, por fim, consciente, como nunca antes, da diferença (em todos os níveis e em todos os universos) e voltada definitivamente para o conhecimento e a compreensão, de múltiplas formas, do humano em carne e osso.